



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS - FACC

MARIA JULIA AMORIM DOS SANTOS

**O IMPACTO DA FALTA DE ENSINO SOBRE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NOS
ALUNOS UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO DOS ALUNOS E ALUNAS
DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UFRJ**

Rio de Janeiro – RJ
2019

MARIA JULIA AMORIM DOS SANTOS

O IMPACTO DA FALTA DE ENSINO SOBRE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NOS
ALUNOS UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO DOS ALUNOS E ALUNAS
DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA UFRJ

Monografia apresentada como
requisito parcial a obtenção do
grau de Bacharel em
Administração à Faculdade de
Administração e Ciências
Contábeis da Universidade Federal
do Rio de Janeiro (FACC/UFRJ).

Orientador: Prof. Paulo Roberto de S Falcão
Professor Leitor: Prof. Renato Nunes Bittencourt

Rio de Janeiro – RJ
2019

AGRADECIMENTOS

Acredito que a gratidão seja um dos mais bonitos e preciosos sentimentos que podemos ter, e claro que nesse momento de encerramento de um ciclo tão importante na minha vida preciso agradecer pessoas que foram importantes nessa minha caminhada.

Primeiramente a minha família que, além de todo apoio e amor do mundo, me deram os melhores exemplos que eu poderia ter. À minha mãe, pai, avó, avô e tio toda minha gratidão e amor por todos os momentos da minha vida!

Antes de imaginar entrar na UFRJ, fiz parte de outra família que me ajudou a chegar até aqui, o Pedro II não me deu só aulas sobre a vida, mas me deu verdadeiras amizades que admiro e me apoiam sempre. Dentre elas, gostaria de agradecer especialmente o Rafael Castro, a Danielle Araújo, o Gabriel Grangeia, o Wesley Guimarães, a Vitória Dantas, a Taciana Duarte (intrusas mais especiais) e o Cristovam Ullman que, independentemente do tempo, sempre estiveram do meu lado pra tudo.

Dentro da faculdade tive o prazer de encontrar pessoas que sempre me motivaram a querer conquistar mais coisas. Heduardo Carvalho e Sara Neves que desde o primeiro dia iluminaram a minha faculdade; a Atlética de Administração que foi a minha segunda casa durante toda a minha faculdade, que orgulho e felicidade de ter feito parte disso, um agradecimento especial as minhas diretorias da atlética que, apesar de todo o caos, sempre me deram a certeza de estar no lugar certo; os membros da Ayra e todo crescimento que proporcionaram, em especial os meus 5 meninos que foram meu apoio e me proporcionaram momentos incríveis durante a nossa trajetória; os anjos Pedro Ferro e Thayssa Natalucci que sempre me ajudam a enxergar tudo da melhor forma e me apoiaram sempre; e, por fim, meu orientador Paulo Roberto Falcão, que me proporcionou aulas incríveis na faculdade e me guiou durante a execução do meu trabalho de conclusão de curso, não poderia ter escolhido professor melhor.

A minha experiência na faculdade de Administração da UFRJ foi sempre cercada de pessoas, professores e oportunidades excepcionais, agradeço sempre por ter feito parte disso.

RESUMO

O presente projeto buscou analisar a relação da Inteligência Emocional e os alunos e alunas do curso de Administração da UFRJ. Mais especificamente buscou-se evidenciar como a falta das habilidades (autoconsciência, autocontrole, automotivação, empatia e lidar com relacionamentos) e da inteligência emocional afetam a experiência da faculdade desse grupo específico. No total, tiveram 121 respondentes da pesquisa, onde 114 eram alunos e alunas de Administração da UFRJ, entre o 4º e 9º período da faculdade, por escolha aleatória. Os dados foram coletados por uma pesquisa online e foram analisados em total sigilo. Os resultados indicaram que os alunos e alunas consideram possuir as habilidades da Inteligência Emocional, porém se sentem afetados pela falta delas no ambiente acadêmico, o que mostra que não há tanto conhecimento assim sobre o tema.

Palavras-chave: inteligência emocional; inteligência; emoções; administração UFRJ; estudantes; universitários.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 1: Estudantes de Administração UFRJ	16
Gráfico 2: Período dos estudantes	16
Gráfico 3: Conhecimento sobre Inteligência Emocional	17
Gráfico 4: Experiência acadêmica afetada por falta de Inteligência Emocional	18
Gráfico 5: Conhecimento sobre as próprias emoções	18
Gráfico 6: Experiência acadêmica afetada por falta de Autoconhecimento	19
Gráfico 7: Controle sobre as próprias emoções	19
Gráfico 8: Experiência acadêmica afetada por falta de Autocontrole	20
Gráfico 9: Automotivação	20
Gráfico 10: Experiência acadêmica afetada por falta de Automotivação	21
Gráfico 11: Empatia	21
Gráfico 12: Experiência acadêmica afetada por falta de Empatia	22
Gráfico 13: Relacionamentos interpessoais	22
Gráfico 14: Experiência acadêmica afetada por incapacidade de manter relacionamentos interpessoais	23

2019

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Justificativa	8
3. Objetivos	9
3.1. Objetivo Geral	9
3.2. Objetivos Específicos	9
4. Referência Teórico	10
4.1. A Inteligência	10
4.1. As emoções	11
4.3. A Inteligência Emocional	12
5. Metodologia	14
6. Pesquisa	15
7. Análise da Pesquisa	16
8. Diagnóstico	24
9. Conclusão	27
10. Sugestões	27
Referências	28

1. INTRODUÇÃO

O conceito de Inteligência Emocional é recente, sendo popularizado na década de 90 por Peter Salovey, John D. Mayer e Daniel Goleman, considerado o pai da Inteligência Emocional.

Muitos são os benefícios acerca dessa inteligência e cada vez mais ela se torna um diferencial, pois traz mais consciência e ponderação em relação a sentimentos e atitudes. Não quer dizer que torna as pessoas mais cautelosas, mas sim mais conscientes sobre as ações e o que pode ser gerado a partir de uma emoção.

A pesquisa tem a finalidade de evidenciar a falta que o conhecimento sobre Inteligência Emocional pode trazer para as pessoas, especificamente estudantes universitários que vivem uma montanha russa de emoções e experiências.

O principal é primeiro entender os estudantes de Administração da UFRJ consideram que possuem inteligência emocional e suas habilidades e, logo em seguida, explorar como se sentem afetados por não terem essa experiência no dia a dia da vida acadêmica.

2. JUSTIFICATIVA

Entender as emoções e os sentimentos, atualmente, pode ser um diferencial para a qualidade de vidas das pessoas, porque, por vezes, a emoção sobressai a razão e, quando não há essa identificação, acaba por gerar situações indesejadas.

É importante entender como o conhecimento sobre a inteligência emocional pode ser um coeficiente tão importante quanto o QI, porque eles precisam caminhar juntos para fazermos as melhores escolhas.

Esse estudo evidenciará as vantagens de um autoconhecimento e da implementação desse tópico no ensino, buscando mais foco nos estudos e que ele se dissemine.

Além disso, por se tratar de um tema de meu interesse, será importante para tomar mais conhecimento sobre e poder me aprofundar mais nesse meio e especialização.

Motivação:

Visto que a Inteligência Emocional afeta a vida das pessoas em todas as frentes, é importante debater sobre esse assunto para buscar melhorar a qualidade de vida, a produtividade e a convivência das pessoas.

Um aumento no conhecimento desse tópico faz as pessoas se desenvolverem, crescerem e melhorarem, o que impacta positivamente tudo que as cerca, seus estudos, vidas pessoais e, também, o trabalho, fazendo assim, ser possível aumentar suas produtividades.

Além de se tratar de um assunto que possuo extremo gosto, pois meu interesse é pensar nas pessoas e para as pessoas, almejo trabalhar e me especializar nessa área. Portanto trazer esse conhecimento comigo vai ser muito importante para minha carreira.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Analisar como os alunos e alunas de Administração da UFRJ foram afetados na faculdade com a falta de um conhecimento sobre inteligência emocional.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos serão:

1. Estudar a Inteligência emocional.
2. Entender se os(as) alunos(as) sabem o que é inteligência emocional e consideram que a possuem.
3. Analisar como os alunos(as) são afetados pela falta de inteligência emocional.
4. Entender os benefícios do ensino sobre inteligência emocional;

4. REFERENCIAL TEÓRICO

A Inteligência Emocional é um conceito que vem sendo cada vez mais abordado e falado, tanto no campo profissional quanto acadêmico. Os estudos têm trazido mudanças na forma como ela é vista pelas pessoas, trazendo mais valor e importância para a mesma.

4.1 A INTELIGÊNCIA

Sempre que se fala sobre inteligência, geralmente refere-se a algo abstrato, porém, por vezes, a classificação exata do que é inteligência é desconhecida pelos que a usam como julgamento.

Quando o conceito de inteligência começou a ser utilizado, era tido como um poder mental, porém sempre muito subjetivo, os julgamentos sobre o que é ser inteligente eram baseados em critérios informais – o que é ser inteligente pode variar dependendo do papel e das pessoas julgadas e julgadoras.

Como a subjetividade não permite parâmetros únicos, essa necessidade foi criada. Na França, um psicólogo, Alfred Binet, após pedidos, elaborou uma metodologia de aferição da inteligência para utilizar em alunos de uma classe escolar. Posteriormente essa metodologia se espalhou para outros países, e o quociente de inteligência (QI) tornou-se uma ferramenta muito usada para aferir alunos, soldados, entre outros, porém também se tornou uma ferramenta para classificação e julgamento. Até os dias de hoje utilizamos testes de inteligência baseados nos estudos das décadas de 20 e 30, os escopos dos testes podem ser diferentes, mas ainda existem.

A ideia de que a inteligência poderia ser medida de diversas formas diferentes começa a surgir e a teoria das inteligências múltiplas tem seu início. A inteligência sempre foi vista como algo pessoal, próprio, a teoria não discorda, porém acrescenta variáveis, como os contextos sociais. A contextualização da inteligência defende que o ambiente determina as inteligências que serão utilizadas, ou seja, há a possibilidade de termos inteligências em áreas que não sabemos pois nunca vivenciamos ambientes, contextos que as tornam evidentes, como Gardner (1993, pág. 188) cita “... as inteligências são potenciais ou inclinações que são realizadas, ou não, dependendo do contexto cultural em que são encontradas.”.

A partir dessa contextualização, as avaliações se tornam sem sentido, pois é praticamente impossível aferir uma inteligência sem ao menos aflorá-la, por isso, o momento de interação com diferentes estímulos e situações é necessário para contextualizar possíveis inteligências. Atrelada a contextualização da inteligência, surge a ideia de que a inteligência também existe fora do corpo físico de cada indivíduo, é parte externa a mente, e está em ambientes, com certos objetos humanos ou inanimados, reforçando a ideia de que ser inteligente não depende só da mente, mas também do ambiente.

Após estudos, Howard Gardner (1993, pág.201), cientista norte-americano, pai da Teoria das Inteligências Múltiplas (existem diferentes aptidões e formas de ser inteligente), define inteligência como manifestação de dois fatores:

(a) os indivíduos, que são capazes de utilizar sua série de competências em vários domínios de conhecimentos; (b) as sociedades, que estimulam o desenvolvimento do indivíduo através das oportunidades que proporcionam, das instituições que sustentam e dos sistemas de valores que promovem.

Ou seja, a inteligência não depende somente das competências de um indivíduo, mas também do aspecto social, cultural e ensinamentos e vice e versa. É uma manifestação intelectual flexível.

4.2 A EMOÇÃO

As emoções são tão essenciais nas nossas vidas que, em certos momentos, elas se sobressaem à razão, nos dominam ao ponto que nossas decisões, por vezes, são mais baseadas na emoção do que na razão. Como afirmou Aristóteles (2006, pág. 160) “As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer...”.

O estudo das emoções se tornou um assunto famoso dentro da Psicologia por suas idas e vindas, ora um estudo importante, ora um conceito que poderia entrar em outros campos de estudo.

As emoções já foram consideradas ruins, pois, em alguns momentos, tomavam a frente da razão, a parte mais lógica que sempre foi muito valorizada. Por conta desse

pensamento, muitos estudos antigos em relação a esse tema são superficiais e pouco exploráveis.

Contudo, a partir das décadas de 70 e 60, houve uma mudança na forma como as emoções eram compreendidas e com isso, muitos estudos começaram a ser produzidos acerca das emoções, suas influências e suas causas. Assim como a inteligência, quando falamos sobre emoção, não temos uma definição estabelecida e aceita por todos os cientistas e pesquisadores.

Goleman (1995, pág. 305) entende que "... emoção se refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos, e a uma gama de tendências para agir." Classificando a emoção como um fenômeno que, por vezes, fala mais alto que a razão e gera uma série de sentimentos e atitudes, que, se a pessoa não tiver conhecimento sobre, não irá entender, "[...] não ter palavras para os sentimentos significa não tomar posse desses sentimentos." (Goleman, pág. 76).

4.3 A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

É notório que o conceito de inteligência emocional e QE (quociente emocional), é bem novo em comparação ao QI, mas não podemos descartar sua relevância. Segundo estudos de Daniel Goleman, considerado o pai da Inteligência Emocional, pode-se perceber como ela nos afeta; a raiva pode nos causar uma propensão maior a um ataque cardíaco e o otimismo pode nos prevenir de algumas doenças. São muitos estudos e pesquisas nessa área que demonstram seu valor que, talvez, seja maior que o do QI.

Para ser inteligente emocionalmente segundo Goleman, a pessoa deve ser capaz de identificar suas próprias emoções, as emoções das outras pessoas e saber gerenciar e se motivar com as emoções internamente e em relacionamentos.

Dentro da Inteligência Emocional, Goleman (1995, pág. 66) propõem 5 habilidades: conhecer as próprias emoções, lidar com emoções, motivar-se, reconhecer emoções nos outros e lidar com relacionamentos.

A primeira habilidade, conhecer as próprias emoções, também pode ser classificada como autoconhecimento. Essa habilidade diz respeito a consciência do que se está sentindo, entender a emoção gerada é o primeiro passo para conseguir

controlá-la, como Goleman fala (1995, pág. 76) “[...] não ter palavras para os sentimentos significa não tomar posse desses sentimentos.”, ou seja, se a pessoa não se conhece, não identifica o que sente.

Em seguida, temos a habilidade de lidar com as emoções, conhecida como controle emocional, que é a capacidade de identificar a emoção e conseguir administrá-la, é agir de maneira a intensificar ou enfraquecer aquela determinada emoção, dependendo do que for melhor para a pessoa, sem tentar eliminar as emoções, pois como diz Goleman (1995, pág. 81) “Os altos e baixos dão tempero à vida, mas precisam ser vividos de forma equilibrada.”

A terceira habilidade, automotivação, é, basicamente, saber utilizar as emoções a seu favor, direcionando para um foco ou uma determinada meta, controlando e guiando a emoção ao ponto que favorece o indivíduo. Como define Goleman (1995, pág. 105) “... a capacidade de controlar um impulso para conseguir chegar a um objetivo, seja montar uma empresa, solucionar uma equação algébrica ou disputar a Copa Stanley.”.

Quando falamos sobre a habilidade de reconhecer emoções nos outros, falamos, basicamente, de empatia. Segundo Goleman (1995, pág. 118) “A empatia é alimentada pelo autoconhecimento; quanto mais consciente estivermos acerca de nossas próprias emoções, mais facilmente poderemos entender o sentimento alheio.”, ou seja, a empatia é a capacidade de identificar as emoções e sentimentos dos outros, porém isso só poderá ser feito se soubermos identificar as nossas próprias emoções. Essa habilidade é estratégica para a convivência em sociedade, é vantajoso, para quem a possui, em relação às interações interpessoais.

E, por fim, a habilidade de lidar com relacionamentos, é a capacidade de manter relações interpessoais inteligentes. “A arte de se relacionar é, em grande parte, a aptidão de lidar com as emoções dos outros” (Goleman, 1995, pág. 67), essas aptidões de tratar das emoções dos outros traz um grande diferencial para as relações humanas, geralmente quem a possui, se destaca dentro da sua profissão ou círculo pessoal.

5. METODOLOGIA

Para a construção da análise sobre o impacto da falta de conhecimento sobre Inteligência Emocional nos alunos universitários do curso de Administração da UFRJ, foi utilizado o método de pesquisa exploratória, com a intenção de explorar e aprofundar os objetivos desse trabalho.

Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo para validar o problema de pesquisa. A pesquisa foi fechada e quantitativa para evidenciar em números a tese.

6. PESQUISA

A aplicação da pesquisa aconteceu somente de forma online, de 22 a 30 de setembro de 2019, em alunos e alunas do curso de Administração da UFRJ, com um total de 121 respondentes, sendo 114 do curso de Administração entre o 4º e o 9º período.

A pesquisa foi composta por um questionário de 14 perguntas, que foram as seguintes:

1. Você cursa Administração na UFRJ?
2. Qual o seu período?
3. Você considera que conhece o conceito de Inteligência Emocional?
4. Você sente que sua experiência na faculdade foi afetada por não entender sobre inteligência emocional?
5. Você considera que reconhece as próprias emoções?
6. Você considera que o não reconhecimento das emoções afeta a sua experiência na faculdade?
7. Você considera que controla e administra as emoções de acordo com as situações?
8. Você considera que a falta de controle das suas emoções afeta a sua experiência na faculdade?
9. Você considera que consegue utilizar as suas emoções a seu favor?
10. Você considera que a não utilização das emoções a seu favor te afeta na faculdade?
11. Você considera que consegue reconhecer as emoções das outras pessoas?
12. Você considera que a falta reconhecimento das emoções das outras pessoas te afeta na faculdade?
13. Você considera que é capaz de manter relações interpessoais inteligentes?
14. Você considera que a incapacidade de manter relações interpessoais inteligentes te afeta na faculdade?

7. ANÁLISE DA PESQUISA

As primeiras perguntas da pesquisa buscaram classificar os respondentes da mesma.

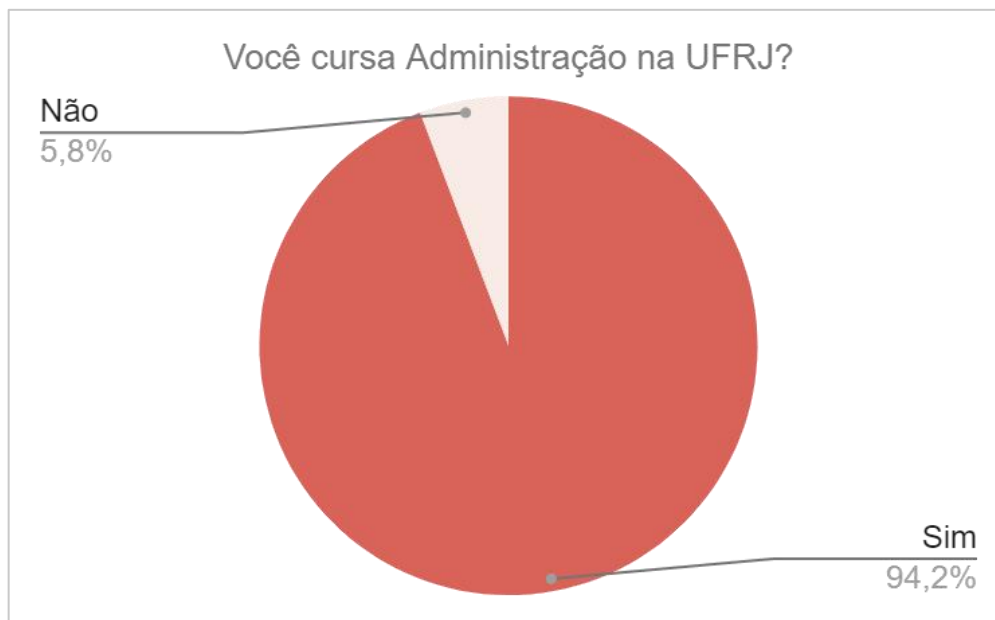


Gráfico 1: Estudantes de Administração UFRJ

Considerando isso, é possível observar que 94,2% dos respondentes são alunos ou alunas do curso de Administração.

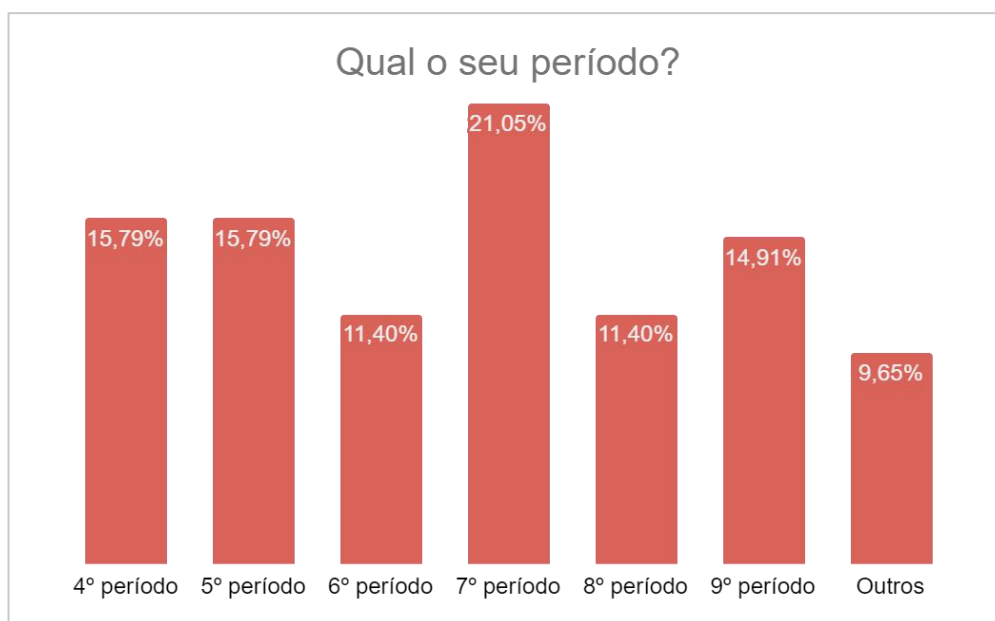


Gráfico 2: Período dos estudantes

Dentro dos 94,2%, a maioria pertence ao 7º período do curso, ou seja, alunos e alunas que iniciaram o curso em 2016.2, seguidos dos alunos e alunas do 4º e 5º período.

As perguntas seguintes buscaram identificar se os alunos e alunas conhecem o conceito de Inteligência Emocional e suas habilidades e, logo em seguida, compreender se a falta desse conhecimento afetou, de alguma forma, suas experiências na faculdade.

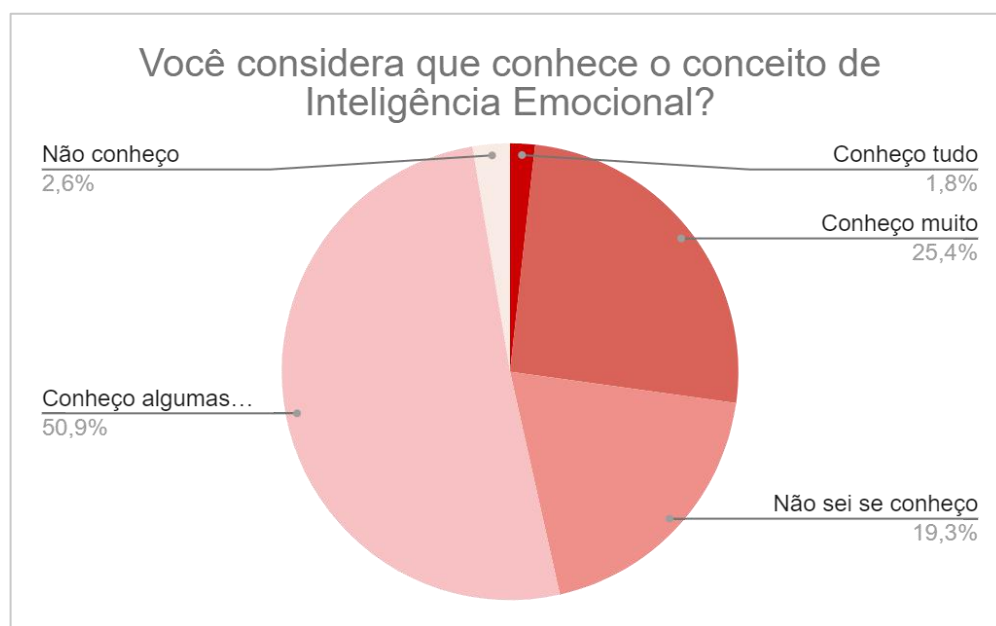


Gráfico 3: Conhecimento sobre Inteligência Emocional

Em respeito ao conceito de Inteligência Emocional, 50,9% dos respondentes consideram que conhecem algumas coisas sobre, 25,4% consideram que conhecem muito e 19,3% não sabem se conhecem. Ao mesmo tempo, 2,6% alegam não conhecer nada e 1,8% conhecem tudo sobre o tema.

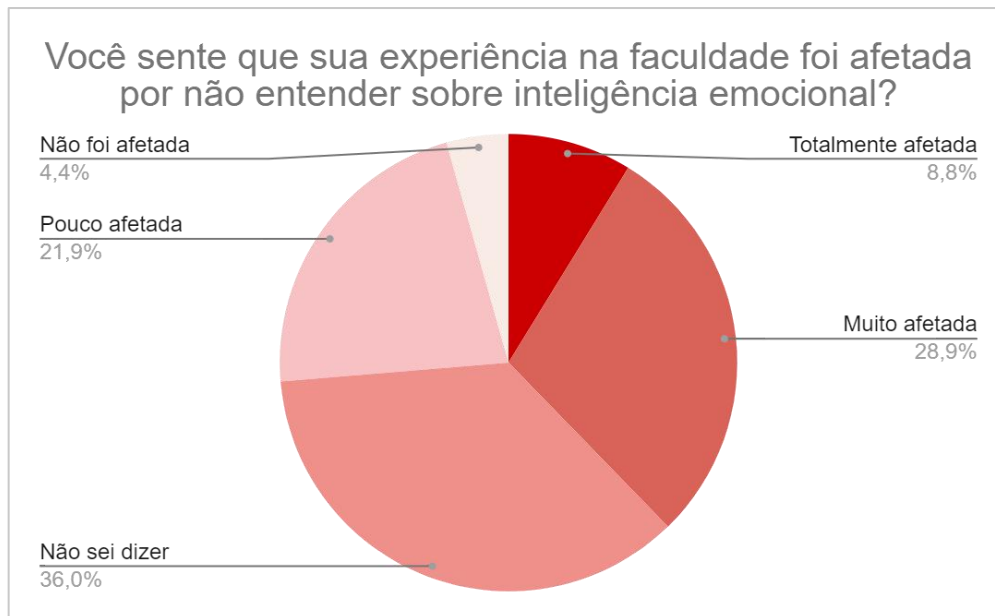


Gráfico 4: Experiência acadêmica afetada por falta de Inteligência Emocional

No que se refere a experiência na faculdade e como a mesma foi afetada por não terem o conhecimento de Inteligência Emocional, 36% dos respondentes consideram não saber se foram afetados ou não, 28,9% foram muito afetados, 21,9% consideram que foram pouco afetados, 8,8% foram totalmente afetados e 4,4% consideram que não foram afetados.

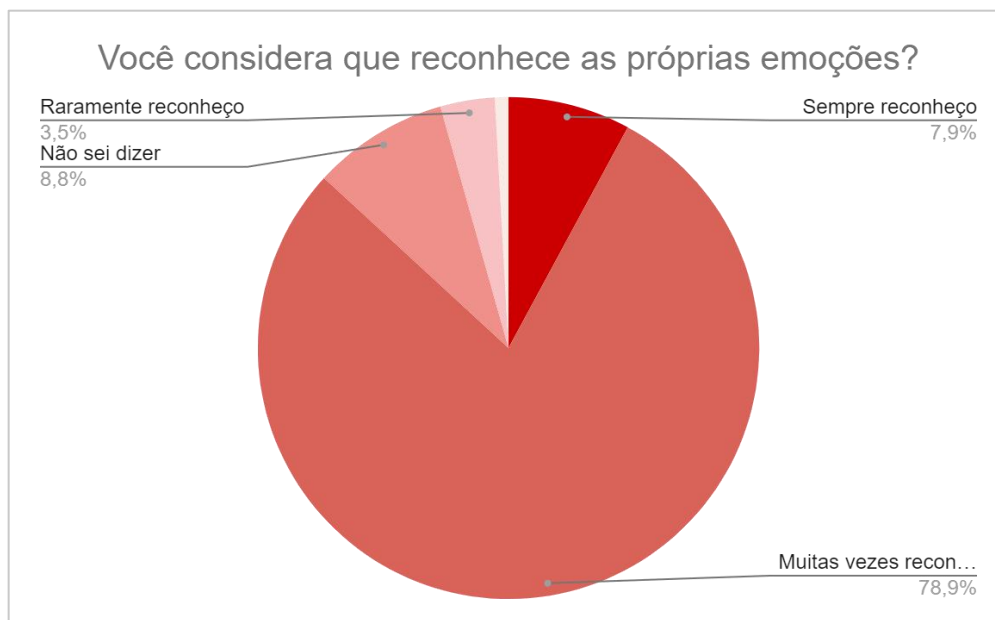


Gráfico 5: Conhecimento sobre as próprias emoções

Em relação a primeira habilidade da Inteligência Emocional, conhecer as próprias emoções, a grande maioria dos respondentes, 78,9%, considera que muitas

vezes reconhecem suas próprias emoções, 8,8% não sabem dizer se reconhecem, 7,9% sempre reconhecem e 3,5% raramente reconhecem.



Gráfico 6: Experiência acadêmica afetada por falta de Autoconhecimento

No que diz respeito a como a falta dessa habilidade afeta a experiência na faculdade, 47,4% consideram que muitas vezes são afetados por isso, 21,9% sempre são afetados, 16,7% não sabem se afeta ou não e 14% consideram que raramente afeta.

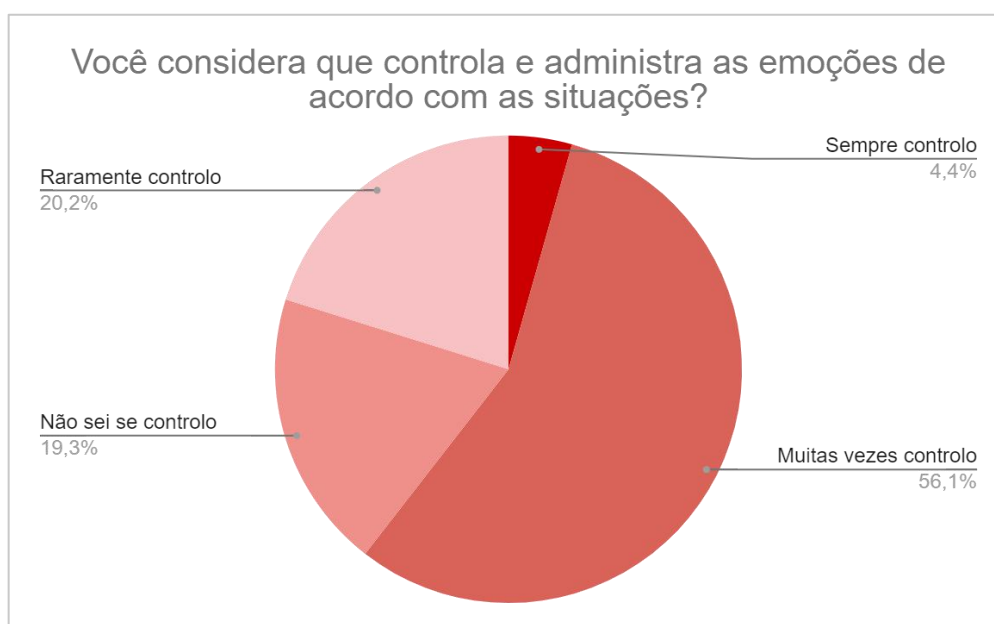


Gráfico 7: Controle sobre as próprias emoções

Quanto a segunda habilidade da Inteligência Emocional, controle emocional, 56,1% dos respondentes muitas vezes controla as próprias emoções, 20,2% raramente controle, 19,3% não sabem se controlam ou não e 4,4% consideram que sempre controlam as próprias emoções.

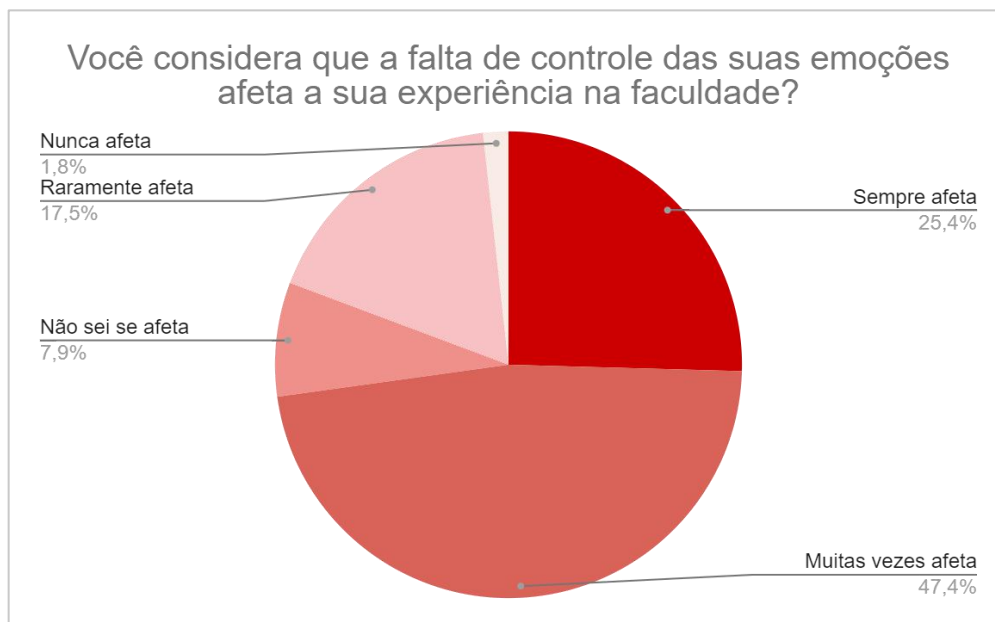


Gráfico 8: Experiência acadêmica afetada por falta de Autocontrole

No que se refere a como a falta desse controle afetou a experiência na faculdade, 47,4% dos respondentes consideram que muitas vezes afetada, 25,4% sempre afeta, 17,5% raramente são afetados, 7,9% não sabem se são afetados e 1,8% consideram que nunca são afetados.

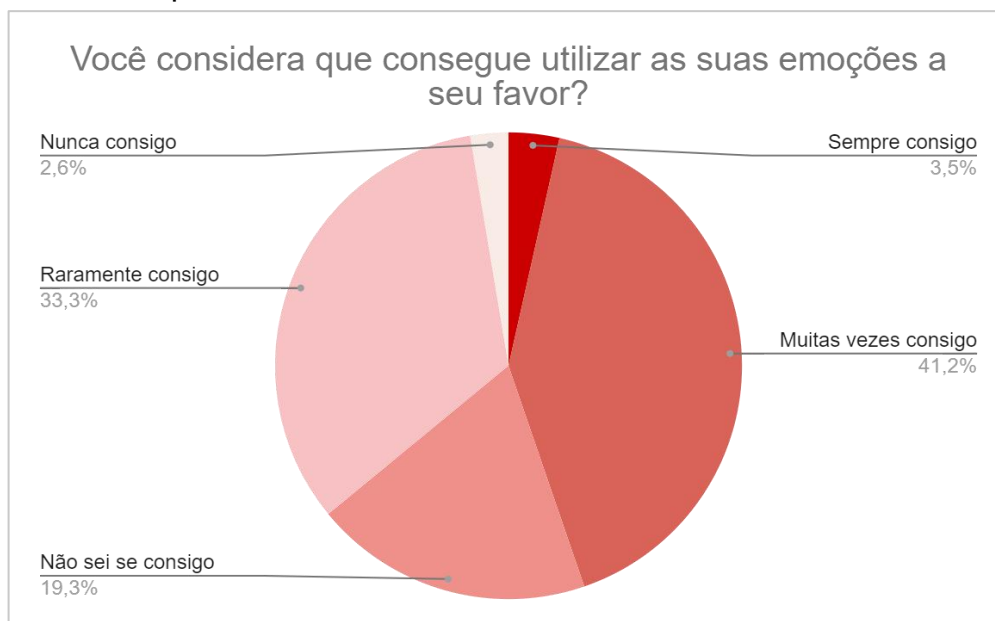


Gráfico 9: Automotivação

Em relação a terceira habilidade emocional, automotivação, 41,2% dos respondentes consideram que muitas vezes conseguem utilizar as emoções a seu favor, ou seja, auto motivar-se, 33,3% raramente conseguem, 19,3% não sabem se conseguem, 3,5% sempre conseguem e 2,6% consideram que nunca conseguem.

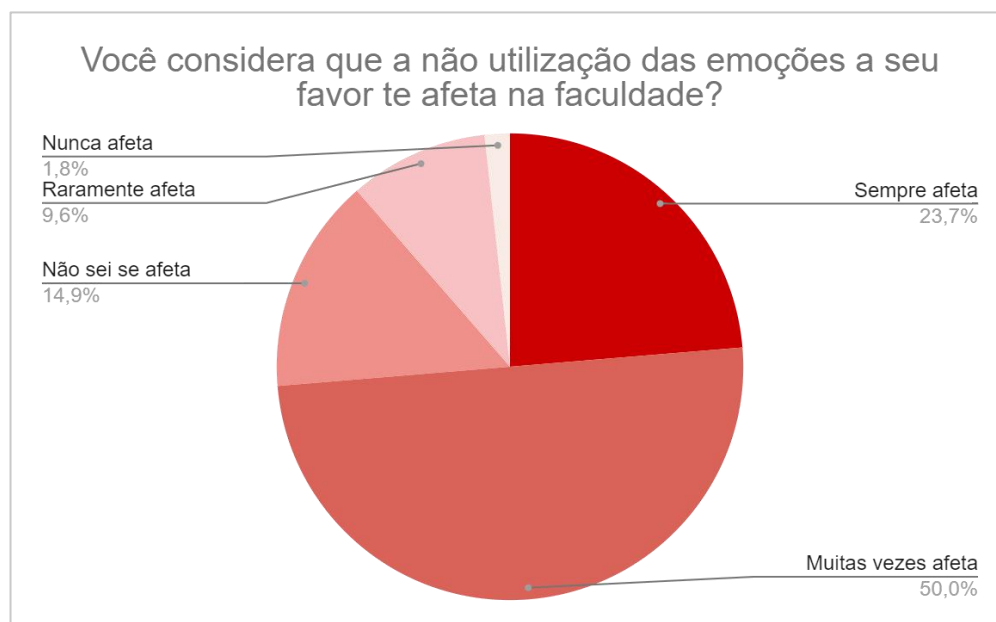


Gráfico 10: Experiência acadêmica afetada por falta de Automotivação

No que diz respeito a como a falta de automotivação afeta a faculdade, 50% dos respondentes consideram que muitas vezes afeta, para 23,7% sempre afeta, 14,9% não sabem se afeta, 9,6% são raramente afetados e 1,8% consideram que nunca afeta.



Gráfico 11: Empatia

Sobre a quarta habilidade, a empatia, 61,4% dos respondentes consideram que muitas vezes conseguem reconhecer as emoções das outras pessoas, 23,7% não sabe se reconhece, 10,5% considera que raramente reconhece e 4,4% sempre reconhece.

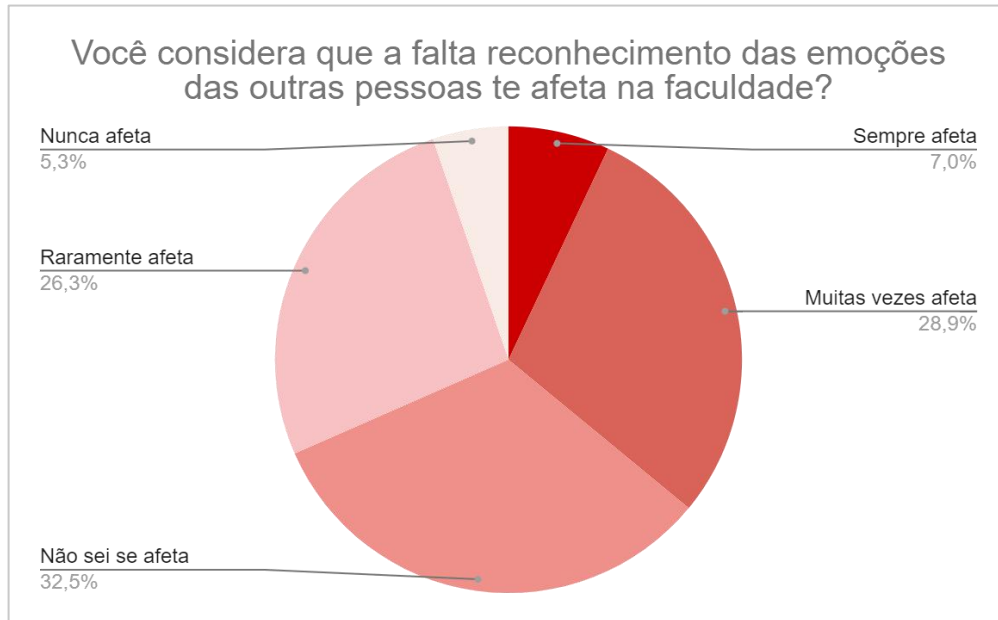


Gráfico 12: Experiência acadêmica afetada por falta de Empatia

No que tange a como a falta de empatia afeta os respondentes na faculdade, 32,5% não sabem se afeta, 28,9% consideram que muitas vezes afetas, 26,3% são raramente afetados, 7% sempre são afetados e 5,3% nunca são afetados.

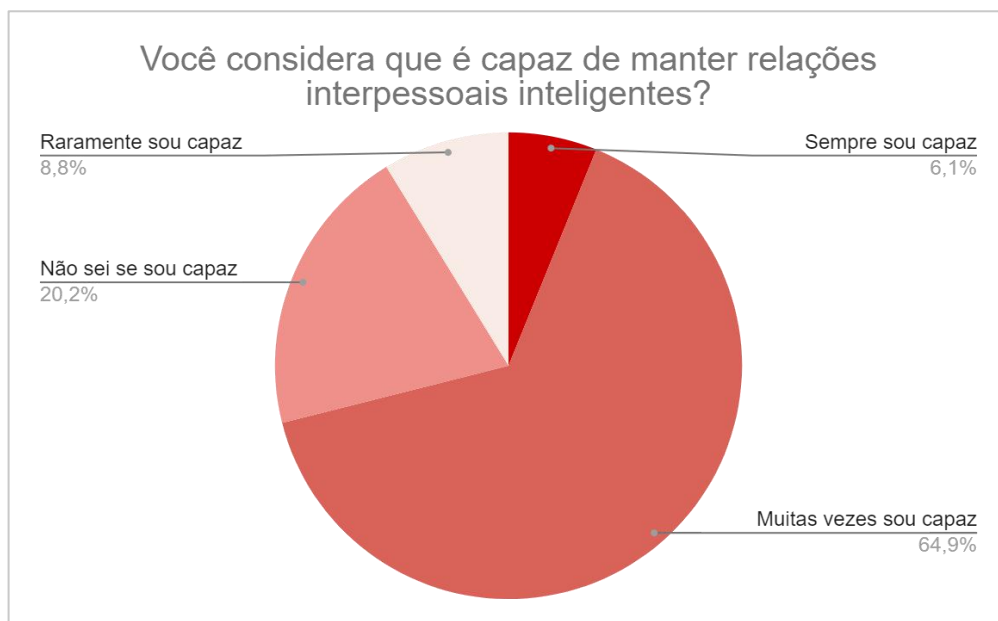


Gráfico 13: Relacionamentos interpessoais

Em relação a quinta habilidade da Inteligência Emocional, lidar com relacionamentos, 64,9% dos respondentes consideram que muitas vezes são capazes de manter relações interpessoais inteligentes, 20,2% não sabem se são capazes, 8,8% raramente são capazes e 6,1% sempre são capazes.

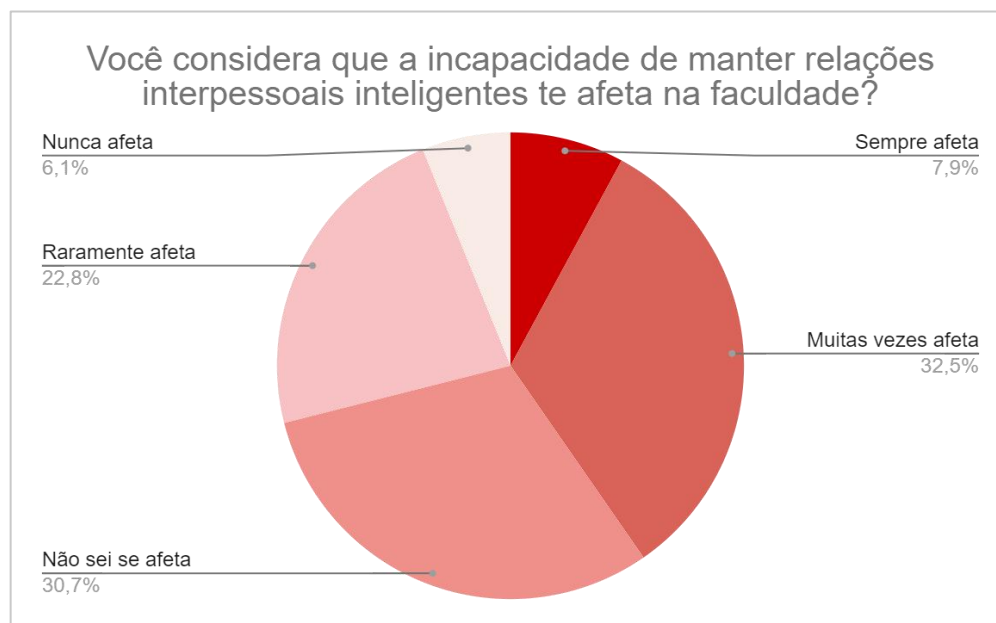


Gráfico 14: Experiência acadêmica afetada por incapacidade de manter relacionamentos interpessoais

No que se refere a como a incapacidade de manter relacionamentos afeta na faculdade, 32,5% dos respondentes consideram que muitas vezes afeta, 30,7% não sabem se afeta, 22,8% raramente são afetados, 7,9% sempre são afetados e 6,1% nunca são afetados.

8. DIAGNÓSTICO

A pesquisa foi focada em alunos e alunas a partir do 4º período, pois acredita-se que essas pessoas já possuem uma experiência mais clara da faculdade e poderiam agregar mais ao projeto.

Assim como na pesquisa, o diagnóstico será dividido entre as cinco habilidades da Inteligência Emocional e, ao final, uma visão geral sobre o tema abordado na pesquisa.

Autoconhecimento

No que diz respeito a primeira habilidade, reconhecer as emoções, ter conhecimento sobre si, quase todos os respondentes consideraram que sabem o reconhecer as próprias emoções, mas ainda assim existem alunos e alunas que raramente sabem reconhecer as emoções.

Ao mesmo tempo que a grande maioria sabe reconhecer as emoções, mais da metade afirmou que o não reconhecimento afeta na experiência faculdade, ou seja, os respondentes acreditam ser autoconscientes, porém quando o ponto é sobre os malefícios da falta de autoconhecimento, mais de 60% se sente afetado, o que é contraditório, mas compreensível em um cenário onde as pessoas não sabem se realmente se conhecem.

Controle emocional

Quando questionados sobre controle e administração das emoções, os alunos e alunas respondentes, em maioria, consideraram que muitas vezes controlam, mas ainda assim existe um número considerável que raramente controla ou que simplesmente não sabe se controla ou não. Olhando os números, a afirmação é de que os respondentes consideram ter essa habilidade.

Por outro lado, a maioria esmagadora considera que a falta dessa habilidade afeta na faculdade e 1/3 dessa maioria considera que sempre afeta. Isso nos mostra que as pessoas acham que possuem essa habilidade, mas no dia a dia, a vida acadêmica tem sido afetada pela falta de controle emocional.

Automotivação

No que tange a automotivação, utilizar as emoções a seu favor, os respondentes ficaram um pouco divididos, mas a maioria seguiu considerando que possui essa habilidade, mesmo sendo uma diferença de menos de 10%.

Contudo, quando analisamos sobre como os alunos e alunas se sentem afetados por não possuírem essa habilidade, a maioria esmagadora considera que foi lesada por não saberem usar as emoções a seu favor. Isso mostra, novamente, como as pessoas consideram saber sobre a habilidade, mas na prática não sabem e essa falta de conhecimento afeta o dia a dia.

Empatia

No que concerne a empatia, quarta habilidade de saber reconhecer as emoções das outras pessoas, o maior número de respondentes considera que possui essa habilidade e sabe reconhecer as emoções das outras pessoas.

Ao que diz respeito sobre como a falta de empatia por parte dos respondentes afeta suas experiências na faculdade, as pessoas ficaram divididas, quase 1/3 não sabe se afeta ou não, a mesma quantidade considera que raramente afeta ou que muitas vezes afeta. Pode-se dizer que não é uma habilidade muito explícita no dia a dia e por conta disso as respostas ficaram tão divididas, porque a empatia é dos alunos e alunas respondentes em relação as outras pessoas e esse é um ponto pouco explorado.

Lidar com relacionamentos

Por fim, a quinta e última habilidade da Inteligência Emocional, manter relações interpessoais inteligentes, ou seja, saber lidar com relacionamentos e as emoções das outras pessoas, o cenário se aproxima muito com o da quarta habilidade, onde grande parte dos alunos e alunas respondentes considera que muitas vezes consegue manter relacionamentos.

No que concerne a como a falta dessa habilidade afeta na faculdade, as respostas são similares a última habilidade, porém com uma leve diferença de que a maioria considera que se sente afetada por não possuir essa habilidade.

Por conta da quarta e quinta habilidades serem pouco exploradas e explícitas, acredita-se que os respondentes ficaram tão divididos.

Inteligência Emocional

A respeito do conhecimento das alunas e alunos respondentes, metade considera que conhece algumas coisas acerca do tema, a outra metade fica bem dividida entre não saber se conhece sobre e conhecer muito sobre.

No que tange a como a experiência na faculdade foi afetada pela falta de inteligência emocional, muitos respondentes não sabem dizer se foram afetados ou não. Isso mostra que eles não sabem se e quando a inteligência emocional é aplicada no dia a dia da vida acadêmica.

Considerando as respostas anteriores em relação as habilidades da Inteligência Emocional, pode-se dizer que os respondentes consideram possuir os conhecimentos e habilidades. Entretanto, a respeito da forma como as pessoas se sentem afetadas com a falta das habilidades e da inteligência, a resposta é contraditória, pois consideram ser inteligentes emocionalmente, mas se consideram afetados por não serem tão inteligentes assim.

Desse modo, a pesquisa nos mostra que as pessoas não sabem o que é inteligência emocional, elas consideram que possuem, mas sofrem com a falta dela. Isso indica que os alunos e alunas do curso Administração da UFRJ não são inteligentes emocionalmente e são afetados por conta disso.

9. CONCLUSÃO

O desenvolvimento da presente pesquisa proporcionou uma análise do impacto da falta de ensino sobre inteligência emocional nos alunos universitários, mais especificamente dos alunos e alunas de Administração da UFRJ. Além disso, também permitiu uma pesquisa de campo para obter dados mais concretos sobre como os alunos e alunas se sentem a respeito do tema e como a experiência na faculdade foi afetada por conta da falta de inteligência emocional.

Segundo Goleman (1995, pág. 66) a Inteligência Emocional é composta por cinco habilidades principais:

1. Autoconhecimento: conhecer as próprias emoções;
2. Autocontrole: saber lidar com as emoções;
3. Motivar-se: saber se auto motivar com as emoções;
4. Empatia: saber reconhecer as emoções nos outros;
5. Lidar com relacionamentos: capacidade de manter relações interpessoais inteligentes.

Ele considera que, possuindo essas cinco habilidades, a pessoa pode ser considerada inteligente emocionalmente, mas ainda existe certa resistência com esse conceito. Muito por conta da grande fama do QI (quociente de inteligência), que foi considerado por muitos anos o único método de medir a inteligência das pessoas e que só existia essa inteligência.

De acordo com o objetivo apresentado, neste projeto foi possível analisar, por meio de um questionário fechado de autopreenchimento respondido pelos alunos e alunas do curso de Administração de UFRJ, Analisar como esses alunos e alunas foram impactados na faculdade com a falta de um conhecimento sobre inteligência emocional.

Com relação a pesquisa, os resultados mostraram que quando analisamos sobre possuir e conhecer as habilidades, a grande maioria considera que possui ou conhece. Entretanto quando a análise é sobre o impacto da falta dessas habilidades na experiência da faculdade, a maioria das respostas mostra que os alunos e alunas foram afetados negativamente.

Desse modo, é possível constatar que os alunos e alunas de Administração da UFRJ consideram que conhecem o tema, mas estão sendo impactados negativamente na faculdade pela falta de ensino sobre Inteligência Emocional.

Esse impacto negativo traz um alerta, o momento da faculdade é munido de pressão e muitas mudanças, tudo isso pode trazer consequências graves, como elucidado por Goleman (1995, pág. 97):

Entre os universitários, Diane Tice constatou que comer era uma estratégia para aliviar a tristeza três vezes mais comum entre as mulheres que entre os homens; eles, por outro lado, tinham cinco vezes mais probabilidade de recorrer à bebida ou às drogas quando se sentiam abatidos. O problema de comer demais ou tomar álcool como antídotos, claro, é que facilmente produzem em efeito contrário: comer em excesso traz arrependimento; o álcool é um depressor do sistema nervoso e, assim, apenas aumenta os efeitos da própria depressão.

10. SUGESTÕES

Dada a relevância do tema, trazendo como sugestão a continuidade deste estudo, entendendo qualitativamente o que os alunos e alunas entendem de Inteligência Emocional e como são afetados por ela, analisando casos e, se possível, frequência.

Com isso, seria interessante um estudo contínuo, onde os alunos e alunas seriam observados durante a experiência da faculdade. Além de uma expansão do público estudado, englobando outros cursos e universidades.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Traduzido por Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 3ª edição. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.

DANTAS, Marilda Aparecida; NORONHA, Ana Paula Porto. **Inteligência emocional: parâmetros psicométricos de um instrumento de medida**. Estud. pesquis. psicol., Rio de Janeiro , v. 5, n. 1, p. 59-72, jun. 2005.

DIAS, Cláudia; CRUZ, José Fernando; FONSECA, António Manuel. **Emoções: passado, presente e futuro**. Psicologia, Lisboa , v. 22, n. 2, p. 11-31, jul. 2008.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Objetivo, 2012.

GOMES, Rodrigo Azevedo; SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. **Inteligência emocional de estudantes universitários**. Psicol inf., São Paulo , v. 14, n. 14, p. 29-43, out. 2010.

LOPES, Rosimeri Bruno. **As Emoções**. Psicologado. Edição 09/2011. Disponível em < <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/introducao/as-emocoes> >. Acesso em 6 Jul 2019.

SALOVEY, Peter; SLUYTER, David. **Emotional Development and emotional intelligence: educational implications**. 1st. Edition. New York: BasicBooks, 1997.